

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: — Augusto Rocha, Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphim, Gomes Leal, J. F. de Rosiers, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Ricardo Cardozo, Reis e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 34

Maio — 1883

2.º anno

LUIZ DE QUILLINAN

Muitos dos nossos correligionarios, e mesmo alguns que o não são e que nos leem, hão de admirar-se talvez, de que sendo o nosso jornal puramente republicano, insira nas suas paginas o retrato e biographia de um monarchico. Para os que assim pensarem vamos dar resposta á censura que nos possa ser feita, antes mesmo de a recebermos.

Para isso servir-nos-hemos de umas phrases do denodado major Luiz de Quillinan, tiradas de uma carta particular:

«Não estou filiado em nenhuma fracção politica; a minha politica é o bem da Patria.»

D'estas sinceras palavras e do seu heroico procedimento em defesa da patria ultrajada e insultada por um Bright qualquer, se depreheende que Luiz de Quillinan não é monarchico, mas sim um verdadeiro patriota; e como quem escreve estas linhas entende que, para se ser republicano, é necessario que, em primeiro logar, se seja um verdadeiro patriota, pois que não o sendo não tem direito a dizer-se republicano; fundado n'isto é que considera o major Luiz de Quillinan digno de figurar na *Galeria Republicana*, não como republicano, mas sim como um sincero patriota que é.

A *Galeria Republicana* não podia, nem devia, deixar de prestar homenagem a Luiz de Quillinan, pelo seu patriotico e ale vantado procedimento, em defeza da patria insultada por Jacob Bright, em pleno parlamento britannico.

Ao senhor de Bragança a quem competia como chefe d'esta nação que se chama Portugal, pedir ou ordenar ao seu governo que exigisse ao Leopardo Inglez uma satisfação pelo insulto dirigido por um seu deputado a este infeliz paiz, outr'ora tão respeitado por todas as nações do mundo; não só o não fez, apesar de, parte d'esse insulto, lhe assentar bem nas reaes bochechas, mas nem sequer ordenou aos seus ministros o fizessem; deprehendendo-se d'aqui que, rei e ministros, são uns cordeirinhos mansos e submissos ás ordens da sua fiel alliada; e é fiada n'isto que ella vae cuspidando ao maio-

res insultos sobre o nosso paiz, e se vae apoderando das nossas melhores colonias com assentimento do nosso patriotico e magnanimo rei, e seus honradissimos... conselheiros.

E a prova evidente do que deixamos

sentar a *Galeria Republicana*, prestando assim homenagem ao seu altivo patriotismo. Não o demos mais cedo por não querermos apresentar um retrato antigo.

Luiz de Quillinan nasceu na cidade do Porto, em 1832, é filho de uma familia irlandeza, e conta portanto 51 annos.

Ainda em verdes annos foi mandado para Inglaterra, onde começou a sua educação. Aos quinze annos voltou a Portugal, e em 1841 matriculou-se na faculdade de direito. Não é o unico, mas é um dos dois ou tres militares, que tem o nosso exercito, com formatura n'aquella faculdade.

Cursava o segundo anno da faculdade de direito, quando estava mais accessa a guerra dos francezes na Argelia. Os arabes eram commandados pelo celebre Abdel-Kader, depois tão sincero e fiel amigo da França, e que foi um heroe digno dos mais gloriosos tempos do islamismo. Manuel Brown, outro portuguez de origens estrangeiras, e rapaz de animo aventureiro e ardente, partiu para a Argelia, e alistou-se como voluntario no exercito francez. Luiz de Quillinan seguiu-o. Aquella guerra tinha todos os perigos das batalhas e do clima, agravados com a ferocidade e fanatismo dos inimigos. Ir procural-a como voluntario era dar um testemunho inequivoco de alto valor pessoal.

Da Argelia regressou á Europa, viajando pelas principaes cidades. A Portugal voltou em 1846, attrahido talvez pela febre revolucionaria, que accommettera o paiz. Luiz de Quillinan alistou-se nos batalhões da junta do Porto, onde conseguiu salvar, com risco da propria vida, dois ajudantes do duque da Terceira. Militou no partido popular até o fim da campanha, que terminou com a convenção de Gramido, servindo como ajudante de ordens do general conde das Antas. Feita a convenção de Gramido, Luiz de Quillinan voltou a Coimbra, concluindo a formatura em 1851.

N'esse tempo, o marechal Saldanha, quebrando as suas allianças com o partido conservador, effectuou o celebre movimento politico, que ficou sendo chamado da *regeneração*, e do qual se pôde dizer



LUIZ DE QUILLINAN

dito é o procedimento do governo para com a *nossa fiel alliada*... dos Braganças, e que se não fôra o nosso biographado de certo seriamos considerados pelas demais nações como um paiz sem pundonor.

E' pois o retrato do denodado major Luiz de Quillinan, que em Inglaterra protestou immediatamente e com o maior patriotismo contra as injurias cuspidas sobre a honra de Portugal, o que hoje apre-

Honremos a patria!

..... *veréis um novo exemplo
Do amor dos patrios feitos valorosos...*
(Lus., I, 410)

que sahiram todos os partidos liberaes, hoje existentes entre nós. Luiz de Quillinan acompanhou esse movimento, sendo despachado alferes de lanceiros n.º 2, e ajudante de ordens do marechal. Em seguida, passou a França, matriculando-se no curso dos officiaes de instrução de cavallaria franceza na escola de Saumur, que completou com muita distincção.

Em 1854 regressou a Portugal, sendo nomeado addido militar á legação de Madrid, lugar que não chegou a exercer, porque n'esse anno casou com a condessa das Antas, já fallecida, e de quem tem uma filha. Continuou servindo no regimento de lanceiros, sendo pouco depois nomeado segundo addido ás legações de Copenhague e Stockolmo, e exercendo, antes de tomar posse d'esse cargo, o de secretario interino da legação de Madrid.

Quando rebentou a guerra entre a Dinamarca e a confederação germanica, de que ainda então fazia parte a Austria, Luiz de Quillinan pediu venia para seguir o estado maior dinamarquez, passando também algum tempo no estado maior allemão. Das operações militares elaborou um notavel relatório, que enyuiu ao governo. É muito notavel o juizo, que em carta a um nosso amigo, Luiz de Quillinan exprimeu a respeito dos allemães. Fazendo os mais altos elogios aos merecimentos dos soldados dinamarquezes, que só foram vencidos pela superioridade numerica e dos recursos militares, Luiz de Quillinan dizia que os prussianos se mostravam de tal modo arrogantes, e entusiasmados com a superioridade da sua artilheria, que parecia quererem conquistar o mundo, e que esse espirito bellicoso havia de provocar grandes guerras proximas. Esta propheta prova o seu tacto de observador. Luiz de Quillinan adivinhava Sadowa e Sedan.

De 1864 até 1867, Luiz de Quillinan desempenhou as funções de encarregado de negocios nas duas côrtes scandinavas, e em 1868 tomou conta da legação de Vienna de Austria. Foi depois, e successivamente, nomeado addido, graduado em secretario, ás legações do Rio de Janeiro, Paris e Roma, onde prestou relevantes serviços aos subditos italianos e portuguezes.

Chamado a Portugal, depois de ter já recebido a commenda de Danebrog, e a cruz da Espada, da Dinamarca e da Suecia, recebeu, ao partir da Italia, o habito de S. Mauricio e S. Lazaro, o grau de official da corôa de Italia, e a commenda de S. Gregorio Magno, conferida pelo Papa.

Não obstante os seus serviços e merecimentos, e apesar de uma carreira diplomatica tão longa, Luiz de Quillinan está ainda hoje na classes dos segundos secretarios, servindo como addido militar em Londres! É tristissimo ter de registar este facto na mesma occasião em que todo o paiz applaude com alvoroço o brioso desforço, com que elle repelliu as affrontas cuspidas sobre a dignidade da sua patria! Feia ingratidão, que ainda mais se aggrava com o contraste, que inspiram algumas nomeações diplomaticas, feitas n'estes ultimos tempos, de individuos sem merecimentos e sem serviços, e que, nomeados hontem, já lhe passaram adiante! E que diremos do novo viveiro de diplomatas, que se anda creando?!

Oxalá os poderes publicos, acordando por um momento á voz do dever, considerem o brioso desforço de Luiz de Quillinan como um estimulo para lhe darem, não um premio, porque esse lh'o dá o applauso entusiastico de todos os seus compatriotas, mas a reparação, que de ha muito lhe é devida.

A maior parte d'esta biographia é transcripta do *Correio da Noite*.

J. J. BAPTISTA.

Se ha affrontas que muito afflijam os povos ciosos da sua dignidade, como consequencia dos defeitos sociaes a que tenham de submeter a sua existencia, são de certo os que ferem a honra de cada um d'esses povos; pois que, atacado algum por tal modo, tudo que mais grato lhe é, participa da sua acção rigorosa e fatal.

Assim offendido, geme e goza: — geme, porque soffre, e goza porque triumpho! É porque, após o insulto que o feriu, vem a coragem para a desforra, no insultamento do seu amor patrio instigando-o á victoria; é porque, além d'isso, a razão e a justiça, tem que estabelecer como poderio superior a todas as forças brutas do despotismo, a força do legitimo direito de defeza do povo offendido. Significa isto, que se não ultrajam impunemente os povos, como se não vencem, tocados por esse valioso elemento de defeza: o amor da patria; e sim, que se esmagam apenas pela força do ofensor, mas, cabendo a este como laurel do seu triumpho, a des-honra, por victoria!

Não precisamos olhar para traz muitos annos, para resenhar factos de tal natureza, apresentando entre vencedores e vencidos, a nossa *fiel alliada*, em luta com outros povos, representando ella sempre de tyranna! Os Boers, como os Zulos e outros, parte, fracos pelo seu estado de civilisação, provaram o quanto pôde o santo amor da patria na defeza de direitos adquiridos!

«Pôde muito!» dizemos nós, pensando que, a exemplo d'esses povos, então oprimidos, tenhamos que fazer d'elle balisa um dia, contra novos insultos da *tal aliada*...

Voltada agora para nós, acossada pelas suas victimas; mostra-nos ella não lhe servirem as lições que lhe deram... Fallando com ella, dizemos ainda: — Triste victoria a tua, oh! nação inimiga da humanidade indefensa, se pensas de novo enlamear a nossa brilhante historia!

Offende-nos, pois! acrescentando á tua, os padrões de gloria que assim alcanças!

Nós, o povo por ti ultrajado escreveremos entretanto: que o amor patrio que te incita á conquista de maiores grandezas, não se iguala ao que o povo que insultas te demonstra. O amor que te incende na luta em que de ha muito te empenhaste, é o crime; e aquelle que nos agita a alma, por ti ferida, é a honra: — o castigo d'esse crime! — Goza-o... Depois, se um dia lembrares, que Victor Hugo escreveu, ser o mundo a patria da humanidade, escreveremos ainda: que elle nos deu o direito a repudiarmos como nossa patria, qualquer parte do mundo d'onde nos insultem...

Como patria da humanidade, o mundo diremos hoje, que se comprehenda simplesmente a parte por ella habitada na qual receba o producto do seu trabalho em perfeito accordo entre si, relativamente á sua exploração, pondo de parte tudo que não seja: liberdade, igualdade e justiça.

Como pensamento sublime do seu grande poeta, que se diga: ser tal pensamento a expressão generosa d'um desejo seu, em vel-a estreitamente unida no mais fraternal amplexo! Mas não!

Nunca a humanidade viverá assim! A humanidade, representará sempre um aggregado de povos constituindo nacionalidades, fazendo prevalecer cada um, os instinctos de cada raça que os tenha organizados, mais ou menos modificados por costumes particularmente estabelecidos entre si.

Em cada parte do mundo, onde melhor os satisfaçam, será ali a sua patria.

Uma raça apenas a não possuirá, não sentindo os effeitos dos teus attentados, oh! nação orgulhosa: a raça d'onde saem as monarchias!

Isentas do nosso soffrer, não terão também as glorias da humanidade em geral, serão antes, o producto da *selecção humana* desde longos seculos applicada aos irracionais de todas as especies para o seu melhoramento, pensando meramente nos seus interesses.

Divaguemos, dizendo o que mais fez a humanidade.

A humanidade, visando a tal fim, escolheu um par de animaes que lhe podessem offerecer o aperfeiçoamento d'uma raça determinada, depois, outro, e outros; ligando-os, viu pelas leis da herança, chegar congenita aos productos a qualidade desejada de cada um. Foi esta a *selecção humana*, consciente e systematica, de que o homem lançou mão por uma necessidade natural; o ponto de partida á *selecção artificial* que aquella lhe offereceu cedendo-lhe os maiores beneficios. De logica e accetivel nos progressos da humanidade, a *selecção humana*, tornou-se um crime odioso applicada a si propria! Os irracionais, passando aos filhos os seus vicios de origem, não prejudicam o homem; a humanidade, obrigando uma classe determinada de individuos, a legar aos filhos os seus vicios de origem contra as leis da natureza que a isso a não auctorizam, degenera-os, negando-lhes uma certa ordem de sentimentos!

Como, pôde o homem pelo processo usado para com os irracionais, e applicado ás monarchias (!), obter d'ellas o amor da patria, se ellas não poderam herdar dos que lhes deram a origem esse sentimento porque todos o ignoram?

Como pôde, o individuo saído da realidade, por outro lado, amar outro de sexo differente a quem o liguem pela força d'uma estupenda *necessidade* (qual é, a da conservação d'um attentado permanente contra a liberdade dos povos), amar esse individuo contra o disposto pela natureza, que o instiga a uma união voluntaria?

Uma união forçada entre dois individuos de sexo differente, que não pertençam a essa privilegiada raça, dá quasi sempre em resultado o divorcio! O que se pôde supor da realidade, forçada ás barbaras leis a ella applicada na *selecção humana* de que é objecto? o adulterio?

Pôde, ou não, deprehender-se da ligação constante de varios individuos d'essa raça, da qual *totalmente desconhecem a origem* (!), que a natureza faça ou não calar-lhes na alma outros sentimentos que a possam nobilitar? É inadmissivel o contrario, e sim, que tão graves erros originem outros assaz condemnados pela moral... augmentados pouco a pouco entre os individuos de que se compõe essa privilegiada raça, de modo a serem notados...

Embora, tão lamentaveis erros, a *selecção humana*, conforme expozemos em referencia aos irracionais, continua ainda a ser applicada á realidade do mesmo modo, sem omitir a menor particularidade! Os que n'isso cuidam, procuram a exemplo do que demonstrámos, dois individuos da casta privilegiada; liga-os, e por elles vela, sustentando-os, esperando a produção apeteçada! Em seguida, cuidam nos filhos, a quem sustentam á custa do povo por ella escravizado, para que se não perca o que *lhe custaram*!

Vergonhoso tal proceder, passa a altamente immoral, observando-se o interesse que mostram os que para com elle contribuem, seguindo como o pensamento as mais insignificantes funcções da natureza, exercidas entre os individuos que citámos, em resultado da sua união!

Durante ellas, teem os povos *brindados*

com esta vergonha, os olhos fitos na sua obra, exigindo-se da raça escolhida, todas as indicações relativas à concepção mais ou menos demorada, operada na *fêmea*, que tem por obrigação: propagar a raça que, devidamente *nacionalizada* os tem depois que dominar!

Vergonhosíssimo isto!!! Comparem-se agora, os sentimentos que os indivíduos saídos da realza podem demonstrar em benefício do povo, com os serviços e sentimentos de este, pelo lado ainda do nascimento: — O povo, herda dos seus antepassados todas as suas glórias, toda a força do sentimento que a pátria lhe inspira; a monarchia, herda (como o povo) dos seus antepassados (a sua família), todos os seus crimes e tyrannias, visando tudo ao esmagamento do povo!

Estreitamente ligada essa raça cosmopolita, pelos laços do sangue, em toda a parte que possa dominar a humanidade, vê ahi a sua pátria, segundo o interesse, e não pelo nascimento!

Exilados os reis dos paizes onde imperaram no meio de mil debochos, cercados de amantes a occultas do povo que os encheram de regalias, soffrem apenas a sua queda das eminências do poder: no mais, encontram no mesmo exílio a sua pátria!

Eis, pois, a única raça que em direito não tem pátria, e sim, o interesse unico da sua conservação como raça privilegiada!

Nós, porém, que a possuimos; dirigindo-nos agora aos nossos insultadores, cabemos dizer-lhes: Que, *pequena* como é a nossa pátria, não a trocaria-mos na sua mais pequena parte pela *grande* nação que nos insultou pela bocca avinhada d'um seu representante, ao qual o nosso illustre compatriota Luiz de Quillinan soube dignamente corresponder! *Desprezível* como é a nossa pátria, segundo o atrevido Bright, que a insultou, nenhuma outra terá para nós mais encantos. Longe d'ella, soffreriamos muitas saudades, como dores sem alívios! Lembrar-nos-hia então os pitorescos sitios onde correram alegres os dias da infancia, phantasiando-nos tão gratas reminiscências, bellezas superiores à realidade; não olvidando os valles deliciosos que mil vezes cruzamos; as verdes campinas, matizadas de flores, que nos confundiram no mais intimo enlevo da nossa alma, então fechada aos espinhos da vida...; longe d'ella, *desprezível* como é a grande pátria de Camões, de Vasco da Gama, e d'outros *portuguezes*..., correriamos a ella para a defender de maiores ultrajes...

Assim praticam todos os povos que prezam a sua honra. Pouco nos incommodaria, que os nossos conterraneos nos tivessem accossado horivelmente, afugentando-nos da pátria; amal-a-hia-mos como nunca em taes circumstancias, desejando morrer por ella!

Camões, aquelle que sublimou a nossa querida pátria, jámais a esqueceu, esquivado e perseguido embora pela ingratião dos seus perseguidores, saídos da monarchia que não sabe conhecer meritos nem hereses!

Cantando os feitos dos que a nobilitaram, nobilitou-se, engrandecendo a sua pátria legando-lhe um nome glorioso. Tal foi o pensamento d'aquelle martyr da ingratião da realza que então dominava a sua estremecida pátria, collocando a honra do paiz que lhe fôra berço, acima dos tyrannos que então a sacrificavam!

Frisantíssimo exemplo que o amor da pátria produz nas grandes almas, por um natural impulso de generosidade em semelhantes casos, quando não, manifestados uns certos phenomenos que todos os povos soffrem em contrario, embora em pequena escala, pois que: a humanidade também tem como as estrellas as suas aberrações...

Pobre de amores a nossa pátria, porque muitos a olvidam, dominada por uma monarchia d'ella divorciada pelo sangue, como nenhuma..., não lhe faltam porém defensores! Longe de ti, nobilissima nacionalidade, que a perversidade dos que te são estranhos pretendam macular escudados na sua força, terás sempre quem te honre, provando-lhes que temos heroes para que lh'a abatam!

Humilhada hoje a nossa pátria, pela falta de dignidade dos seus governos não curando do seu bom nome, não poderá contudo, deixar de lembrar aos seus insultadores, terem n'ella nascido os mais famosos heroes da humanidade; aquelles que tanto a assombraram, ora ensinando-lhe o caminho da honra, ora abrindo-lhe os mais largos horizontes pelas suas atrevidas descobertas!

Empobrecida embora, por esses que a roubam escudados por um poder que saberemos annullar..., sairão d'ella outros heroes que de novo a engrandeçam, revivendo nas cinzas dos seus antepassados!

Luiz de Quillinan, abrindo aos infamadores da nossa pátria a mais brilhante das historias da humanidade, depois d'uma sua réplica, deu o primeiro passo! Nós, os republicanos portuguezes, devemos secundar-o, devolvendo com elle aos nossos insultadores os injuriosos epithetos que tão bem lhes assentam... provando-lhes: não ter-mos por glorias, a *pirataria*..., mas sim, um passado glorioso, e um ideal levantado no lema da bandeira, que nos conduz á honra, e á prosperidade, qual farol de redempção!

Expurgando do seio d'este povo tão orgulhoso da sua dignidade, oh! *fiéis aliados* da... monarchia portugueza, os que movem a nossa deshonra, será o proseguimento da nossa obra.

Não seremos preceptados levantando as massas populares em tal sentido, chamaremos primeiro ao tribunal augusto da imprensa *independente* a responder pelos seus actos, esses réos de lesa-pátria, entregando-os depois á vindicta popular. Até lá, instruiremos o povo como a justiça nos aconselhar, levando-o á reflexão, apresentando a elle os dados que a monarchia nos fornece, como contrarios á moral, á razão, e á sua prosperidade.

Depois, que nos vexem, que nos roubem, que nos deprimam; que attentem mesmo contra a nossa independencia, certos da nossa *fraqueza*; que nós, libertos do poder corrupto que nos rege, capacitado por um chefe sem pátria..., sabremos á sombra da nossa bandeira de ordem e de progresso, fazer morder a terra aos salteadores do que nos é tão querido: os nossos brios como povo muitas vezes illustre, deixando embora n'essa hora de triumpho, escapar por uma só vez este grito da nossa consciencia ennobrecida: — Portuguezes! Honremos a pátria!...

J. DE ROSIERS.

CLERO E REALEZA

Não posso ver os réis, os negros potentados, que a ruína vão cavando nos seus vassallos, que se impõem, os vis, á sombra dos soldados, que afirmam o povo inerte ás patas dos cavallos.

O clero e a realza! Oh negro despotismo que empunhas sobre a cabeça as armas da traição! Rola cabeças mil nas fúrnas d'um abysmo, mas olha: — vem nascendo o sol da Revolução.

No fulgido esplendor das c'róas dos monarchas encontra o Povo sempre as lagrimas da dor. Abaixo os falsos reis, abaixo os patriarchas, abaixo a velha crença! Oh Povo, és tu senhor!

Oh Povo, meu irmão! tu soffres paciente a cãfila cruel das velhas tyrannias. Vamos! levanta a fronte e sê omnipotente: — além já vem fulgindo a luz de novos dias.

Porto.

COSTA E SILVA.

A PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI EM LISBOA

(1882)

Contendem-nos com os nervos as procissões em que figuram padres e reis: não gostamos d'ellas! Mas, dirá o leitor: se lhes não agradam deixem-se de vel-as! — Mas, se também nos fazem rir?! — N'esse caso, voltará o leitor: deviram-se, e sofram-lhe as consequências enfadando-se também!...

E não ha outra cousa a fazer! Muitas vezes, achamo-nos distrahidamente entregues a umas cogitações do espirito, procurando o ignoto que por vezes nos fuge quando pegamos na penna para escrever. Depois, ouvimos o galopar d'um cavallo, depois outro e outro, dizendo-nos isto: — lá vão *todos os cavallos da monarchia* figurar na procissão do Corpo de Deos! Vamos ver também a *troupe* d'aquellas boas almas... com todas as suas galas! Vamos ver o santo *atarraxado*, e o homem de ferro: vamos rir! Talvez nós de aquella mascarada o assumpto que traiçoeiramente se nos escapa dos bicos da penna!

Depois, sahimos de casa com dois charutos nas algibeiras, dizendo com os nossos botões: quando se darão por satisfeitos estes senhores jesuitas que tanta gente incommodam com estas palhaçadas? Se os padres e os reis, tivessem outras coisas em que se occupassem não dariam espectáculos d'esta ordem, despertando a curiosidade dos *herejes* chamando-os a presenciarem taes *festas*, pretendendo ao mesmo tempo avivar a fé dos comparsas que n'ellas figuram! Aqui está, porque somos levados pela onda como nos succedeu por occasião da procissão de Corpo de Deos, até ás ruas onde a procissão devia passar, achando já ali postados os soldados da monarchia (?) com a paciência d'aquelles filhos do povo pagos a dois patacos por cabeça para a defender e honrar!... Está feita a confissão de que assistimos ao desfilar dos carolas de encomenda... e de officio com o tal santo (?) *atarraxado*.

Digamos francamente: o estado marasmico em que nos achava-mos, necessitava uma distração qualquer, junto á necessidade de escrever depois alguma coisa; foi o que em primeiro lugar, o grupo dos pretinhos de S. Jorge que da rua dos Retrozeiros primeiro avistámos, se encarregou de satisfazer: os bons dos pretinhos, com as suas *farfalleas* de variadas cores, fazendo chegar até nós os *magicos* sons dos seus instrumentos, segredavam-nos que o santo da *tarraxa* vinha ali proximo, e que, movida a mais cruenta guerra a tão *esplendida festa*, elles, os amigos do *marifio* sahiam victoriosos do combate fazendo ouvir os seus *pragran... pragran* do costume! Pela nossa parte, inimigos das procissões, sentiamos que os inoffensivos vassallos da ex-Rainha D. Jacinthia, não fossem, como se dizia, na procissão!

Aquillo, era uma necessidade; a realza devia levar os *pragran...* da pretalhada para ir bem! Embebidos em taes reflexões litámos em seguida a vista em uns soldados que proximos de nós se achavam, queriamos ler n'elles o que pensavam a tal respeito! Tinhamos porém que interrogar-os começando por lhes perguntar ha quantas horas ali esperavam a chegada do estado de S. Jorge. Interrogados, responderam-nos bruscamente: — Não sabemos ao certo ha quantas horas aqui esperamos esta choldra, sabemos sim, que temos a *barriga dando horas* ha muito tempo! Sabemos mais: que isto assim, levado a fava torradinha e a agoa fresca, é simplesmente uma pouca vergonha dos que nos governam!... Depois, além de nos matarem á fome, partem-nos as pernas, e, se não nol-as partem, fazem-nos julgar que as não possuimos porque as não sentimos!!! —

Não se afflijam camaradas, respondemos nós, isto há de acabar; creiam!...—A este tempo chegavam os pretinhos, mas, sem tocarem a apetezida *marcha de S. Jorge* (?), valendo-nos a sua preguiça um susto; porque outros indivíduos, intrigados como nós, por não nos querermos obzequiar com a referida *marcha* provocaram uns medonhos olhares das cavallarias que proximo os acompanhavam e que nos tocavam quasi, pelo nefando delicto de lhes gritarem, pedindo-lhes uns, uma tocadella; outros, que se não fizessem *lucas* não *animando a festa*. Aquelle tiroeteio de chalaças e de *ballas* entre os soldados e o *po-vinho*, servindo nós de trincheira, inquietava-nos, mas se corriamos por gosto...

O leitor, ajusará entretanto, que embora o perigo d'uns *couces* de taes mantenedores da ordem, o resto da procissão nos faria rir, mas não! Passado o melhor bocadinho, devia vir o peor: a chegada dos *grandes*, tristes e atrapalhados com o *palio*, puxando cada um para seu lado como em sentido *figurado* fazem em côrtes, puxando cada um a *brasa* d'uma *sardinha*, mettia dó!

Reconhecia-se, que iam ali contrafeitos; que não era ali o seu logar; que, finalmente, a procissão levada a effeito por elles quando pensavam em a prohibir, não passava d'uma birra; porque, querendo os republicanos andar para deante, elles, os irmãos gêmeos dos jesuitas deviam andar para traz!

El-rei, mesmo ia tristissimo, parecendo *vendido* por alguns dos judas que abrihantavam a festa..., mendigando ou parecendo mendigar um olhar de compaixão do *po-vinho* que para elle olhava de soslaio!...

Se não nos lembrasse a enorme fila de *padres-priores*, e *ajudantes*, que antes vimos, procurando alguns alfinetes (?) pelas ruas levando fitos os olhos no chão..., e outros, de cabeça levantada, pensando certamente no congresso catholico-jesuítico..., *morreríamos de tristesa*!...

Com os *prós* e *contras*, que aquella *choldra* toda nos dava que pensar, ficamos scientes d'uma cousa:—Ainda existem entre nós bastantes *creaturas* felizes, e no numero d'estas se contam em primeiro logar, as que estragam as suas solas no serviço da religião e em beneficio dos sapateiros; sendo aquellas *boas almas*, oriundas do povo ignorante que as não quiz ou não soube desviar de tão estravagante caminho do céu, por... convirem ao serviço dos *padres* e dos *reis*!...

Extravagancias e misérias, mettendo-se em primeiro logar uns pensamentos velhos dos *reaes festeiros*, que ali hiam, sérios segundo muitos, mas rindo á sucapa dos parvos, idiotas, e velhacos, que aos seus convites annuiam, levando cada um a sua cruz, e outros as suas tochas quebradas!... Enojosa n'esta parte a procissão, mas, merecendo ser analysada ao contrario do que muitos pensam em grande maioria, a procissão devia escapar ás suas vistas como ia succedendo, passando quasi sem espectadores, por isso que, sempre apresenta aos olhos do *po-vinho* umas tantas faces sem vergonha pedindo o azorrage das suas garchalhas, provas que elle sabe dar ao notar aquella mole de insignificancias!

Fazendo os nossos commentarios miudamente, devemos fallar de dois velhotes que tambem vimos, aliás necessitados de ficarem em casa e não de abrihantarem a procissão: um, carregando com um pesadissimo retabulo, ou não sabemos o que, em que figura uma sineta afim de determinar as paragens dos *reaes festeiros*. Este misero velhinho mettia dó attendendo a que, ainda depois dos seus setenta e tantos annos o *brindavam* com tão pesado contrapeso!...

O outro velhote, um general de divisão, andando a custo, e todo alquebrado pelos

annos, não julgámos justo que do mesmo modo o obrigassem a serviços activos...

Se a caridade, dizia-nos a nossa consciencia, não fosse para a monarchia uma palavra vã, e sim uma realidade qualquer, esses individuos não iriam na procissão! —Pela nossa parte, metteríamos a tal coisa da sineta, com os seus vinte e tantos kilos bem puxaditos de peso, nas mãos d'um padrecão qualquer, e envergaria-mos a farda do outro velhote em um cabide... porque as fardas d'uns tantos generaes deviam ser retiradas da scena pelo muito que custam á nação... por figurarem tão mal!...

Cortaremos agora, a conclusão do assumpto de que nos occupavamos, para nos referir-mos a uma surpresa com que *O Seculo* nos brindou no fim quasi do nosso trabalho, annunciando-nos a publicação d'um folhetim do laureado jornalista e distinctissimo engenheiro sr. Alexandre da Conceição sobre um assumpto identico!

Não serão os leitores que nos levarão a mal esta mutilação, voltando a emendar a epigraphe d'este artigo com a designação do logar, onde a procissão a que nos referimos, se realisou, referindo-nos em conclusão ao cavalheiro que nos precedeu occupando-se do mesmo assumpto, e sobre a epigraphe que tambem escolhemos para o nosso artigo!

O sr. Alexandre da Conceição, mestre abalado no manejo da penna, como um critico que muito apreciámos, descendo ao *rez-de-chaussée* do *Seculo*, deixando por preencher uma lacuna importante nos *andares superiores*..., provou com o seu folhetim, da epigraphe do nosso artigo, como em todos, os saídos da sua preciosa penna ser bom todo o local onde possa dar as suas lições aos admiradores do seu talento, e bons desejos em os instruir no que ha de bom nos bicos da sua penna!

E fez bem! Cada folhetim seu, é para nós uma lição proveitosa, como a ultima de que deviamos alterar a epigraphe do nosso artigo! Já o tinhamos confessado particularmente ao nosso amigo, e distincto correligionario o sr. Magalhães Lima, mostrando-se de accordo com nosco em lhe prestarmos homenagem ao seu talento. Alegres por vermos tão bem tratado o assumpto de que o sr. Alexandre da Conceição se occupou, assumpto, que se prende precisamente com o nosso, sentimos não ter-mos recebido ha mais tempo a prevenção que só tarde o *Seculo* nos apresentou, para, em todos os *apostos* do nosso *rez-de-chaussée*, pedirmos licença ao sr. Alexandre da Conceição para lhe dirigirmos os nossos cumprimentos, biographando-o como soubessemos, inspirados pelo seu talento e qualidades individuaes que o caracterizam, ajuzando pelos seus assumptos aqui largamente expandidos! Em verdade, o cavalheiro de que nos occupamos, dirá não conhecer o intruso que lhe entra assim *pela casa dentro* sem lhe pedir venia, mas, não se enfadará certamente, porque sabemos ser bastante delicado para receber as visitas inopportunas que procuram aproximar-se do seu mestre, demais sendo da mesma familia!...

De peor partido ficamos nós, não o encontrando mais a miudo n'esta sua casa com o seu famoso *apparelio de pesca*!

O sr. Alexandre da Conceição, vae dar-nos uma prova do que avançamos, desculpando-nos de lhe chamarmos a sua attenção para estas pobres linhas, pedindo-lhe a finese de nos prevenir a tempo, quando tenha que escrever no mesmo sentido do que nós!

Pela nossa parte, é que não poderíamos servir-o se tal pedido nos dirigisse, porque as provas ahi ficam de que o estimado engenheiro e precioso escriptor sabe mais a dormir do que nós acordados...

J. DE ROSIERS.

CHRONICA

Até que finalmente serviu o throno de pinho! depois dos jornaes diarios levarem aos quatro ventos da publicidade que o throno não servia, apesar mesmo de andarem com o pobre no jogo das escondidas, ainda assim lá appareceu no dia 21 de ceroulas e camiza engommada, de calças, collete e casaca de ouropéis do mais fino gosto... estava deslumbante! nem podia deixar-de ser assim, visto que foram mais os mestres que os *aprendizes* na sua construção, emfim, depois de bem enfeitado foi collocado no centro da representação nacional, e uma vez ali, collocaram-lhe duas cadeiras, uma em cada *hombrão* de em uma d'ellas se assentou sua alteza real o principe regente—segundo a *carta regia*. Depois de todas as formalidades o *pae* marchou, o principe jurou, o *Zé* pagou e a tropa ficou com a grande estopada da... parada.

Depois... a procissão do santo atarraxado, aqui são tambem os soldados atarraxados pelas ruas para verem o seu general de atarraxa todo empertigado, dando cada bordo que parece querer cahir, alguns d'elles estavam de tal modo distraídos segundo nos disseram, que quando viram o principe regente todo apumado, seu andar marcial, e com a sua capa branca, julgavam que era o Taborda no *Zé do capote*, e não havia tirar-lho o da cabeça se não ouvissem n'aquelle instante os pretinhos tocarem o *hymno real*, *tri... tri... tran... pran*; foi ao som d'esta bella musica que os pobres conheceram que tinham na sua frente o seu novo rei! pobres soldados! tal era a satisfação com que estavam, que nem pernas nem barrigas julgavam ter!

* *

Sua magestade el-rei nosso senhor, lá anda gozando por essas terras de Hespanha, enquanto tu amigo *Zé*, vae sentindo a fome que já te bate á porta, mas que importa isso se tu nasceste para trabalhar e soffrer, e sua magestade el-rei, nasceu para viver e gozar! tu trabalhas e choras, elle diverte-se e gasta o teu suor! tu tens um casebre immundo para descansares das fadigas do dia, elle tem palacios sumptuosos onde vive na maior orgia! tu! do pouco salario que ganhas, tens que sustentar mulher e filhos, elle apesar de ter um conto de réis diario, deixa á nação o encargo de lhe sustentar os seus! tu, tens que pagar renda da possigla em que vegetas, elle, nem renda nem decima! que contraste!! Quando te resolverás acabar com isto?!

* *

No dia 25 houve outra procissão, esta foi a dos escriptos, que de anno para anno vae augmentando; esta, como outras, é tambem patrocinada pelo governo d'el-rei e desgoverno da nação, que não corre de vez com todos os vampiros que por todos os meios nos sugam o sangue. Esta procissão é patrocinada pelo governo, diziamos, porque em vez de apresentar ao parlamento qualquer proposta para a construção de casas baratas só trata de syndicatos e nichos para os afilhados, importando-lhe pouco que o povo seja explorado pela avidez dos senhores avarentos.

DANTON.

No proximo numero daremos o retrato do distincto escriptor brasileiro Quintino Bucayuva.